

Manuel Raymundo Querino nasceu em 28 de julho de 1851, em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, e morreu em 14 de fevereiro de 1923, em Salvador. Intelectual, abolicionista e republicano é o primeiro negro a publicar a história da cultura afro-brasileira.

Escreveu além de "A raça africana e os seus costumes na Bahia", "A arte culinária na Bahia", "A Bahia de Outrora", "O colono preto como fator da colonização brasileira", "Os homens de cor preta", "Candomblé de caboclo", "Bailes Pastoris", "As artes na Bahia", "Desenho linear nas classes elementares", "Elementos de desenho geométrico", "Artistas Baianos", obras essenciais ao conhecimento da formação do povo brasileiro, acessíveis apenas em bibliotecas.

É com muito orgulho que a P555 e o Theatro XVIII, editores da coleção A/C\Brasil, auto/conhecimento\Brasil, publicam este primeiro volume da obra de Querino, de outras que pretendem.

THEATRO
XVIII/P555

ISBN 85-89655-17-2



9 788589 655170



Manuel Querino

**A raça
africana
e os seus
costumes
na Bahia**

Iá, irê, yá ú laxê
Irê tá a ui, eberi coman
Oubá êquê d'orixá, oubá tôtô.

(Nossos louvores, nem todos conhecem. E por isso, não sabem o que pedimos a Deus. Viva o rei; acima do rei só Deus).

A saudação era acompanhada de instrumentos que executavam a composição que segue:²⁶



Os instrumentos do *olhador* são: *Obi, orobó, pimenta da Costa* e o *opelé-ifá*, espécie de rosário, cujos padre-nossos são representados por caroços de manga, em pequenas rodas.

Às vezes contém dezesseis moedas de prata. Às mulheres só é permitido *olhar* com búzios.

Adivinhador – *Olhador, Babalaô* são designações aplicadas aos indivíduos que têm o privilégio de prever o futuro e descobrir também os malefícios praticados por outrem.

Curandeiro – é o indivíduo que pratica a medicina, prepara drogas e medicamentos, sem outra intenção que não seja benfazeja.

Candomblezeiro – é um sacerdote do rito fetichista: sua missão é preparar postulantes para receber

²⁶ Apesar da incorreção das notações musicais, este clichê e os de págs. 91-92, vão reproduzidos do trabalho original do Autor, nos Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia (A. R.).

o santo, e dirigir os atos da cerimônia litúrgica. O *Feiticeiro* pode acumular as funções de *olhador*, mas, todo o seu trabalho consiste em causar dano a outrem: é o malfeitor da seita. Se o indivíduo procura fazer mal a alguém e é atingido pelo mesmo mal, costumam os feiticeiros explicar o caso do modo seguinte: “Quem não tem motivos para fazer a desgraça do seu semelhante, o feitiço procura o seu destino e, não encontrando a pessoa designada, nem objeto de seu uso, recai inteiro sobre o interessado e aí produz o efeito”.

É o caso do feitiço contra o feiticeiro.

A FESTA DA MÃE D'ÁGUA

O africano é espírita de natureza²⁷ e, como tal, provoca invocações.

É crença geral, entre eles, que no fundo do mar e dos rios existe uma divindade que exerce influência direta em todos os atos da nossa vida. Em lugar retirado, a pessoa que pretende algum benefício, encaminha-se para beira-mar e aí bate palmas três vezes e diz: “Mãe d'Água, se me ajudares a ser feliz em tal negócio, eu vos dou um presente”. Satisfeita que seja a prece votiva, a pessoa volta ao lugar com o presente, que se compõe de pentes para cabelo, sabonetes, favas brancas, frascos de perfumes, fitas e um leque. Nessa ocasião a pessoa beneficiada, em companhia de diversas outras, inclusive uma espécie de medium espírita, que se dirige àquela divindade entoando rezas adequadas, provoca a presença da *mãe d'água*.

²⁷ É uma afirmação que não pode ser generalizada. As práticas espíritas negro-brasileiras foram resultantes de um sincretismo secundário. (A. R.).

Introduz-se no elemento líquido e encaminha-se para o ponto de encontro, onde as águas formam uma espécie de redemoinho, e aí joga o presente. Faz-se também mister que o portador do mimo mergulhe e vá deitá-lo ao fundo. De volta à tona presume-se que a mãe d'água se lhe encarna, e, em nome desta, agradece a oferta. Isto feito retiram-se todos para a casa de onde saiu o presente, e aí dão começo à função, constante de danças, comidas e louvores.

Outras vezes, quem precisa de algum benefício da deusa dirige-se à margem do rio, e aí implora os benefícios da mãe d'água.

À noite ela aparece em sonho e ordena o que convém fazer.

É crença entre os pescadores de *xaréu* que, no ano em que não fizerem oblações à mãe d'água, a colheita do popular pescado será insignificante, e as redes se partirão.

Mas, levados que fossem os presentes da sereia, haveria certamente abundância de peixes e não se registraria o mais leve acidente.

"A mãe d'água, graciosa criação de fantasia intertropical, habita o fundo dos rios, bela, cheia de atrativos, de encantos, de seduções irresistíveis, simboliza o amor que têm à água os habitantes dos climas ardentes".

"A mãe d'água será talvez de origem africana, sendo presumível não ser dos índios, em cujo idioma não encontramos termos para a exprimir".²⁸

O indígena do Amazonas pensava do mesmo modo. "A decadência da arte entre os naturais

do Amazonas foi grande, mas ainda a crença nos animais e plantas protetoras não se extinguiu. Ainda há quem leve algum pé de *Taiá* na proa de sua montaria, para ser feliz na pesca, como vi".²⁹

As mães d'água são três: *Nanan Buruku*, a mais velha, *Iemanjá*, e *Oxum*, a mais moça. Habitam os lagos, mares e rios. Há ainda outro meio mais simples de presentear a mãe d'água, independente de promessa, como lembrança ou mesmo recomendação para benefícios futuros. Um pequeno saveiro de papelão, armado de velas e outros utensílios de náutica era lançado ao mar, conduzindo como dádiva à mãe d'água, figuras ou bonecos de pano, milho cozido, inhame com azeite de dendê, uma caneta e pena, e pequenos frascos de perfumaria.

De volta à casa de onde partiu o presente, as pessoas que tomaram parte na comitiva ajoelham-se, proferem algumas palavras cabalísticas e tocam a cabeça no solo, como é do ritual.

DAR COMIDA À CABEÇA

Tem por objetivo esta prática satisfazer a um preceito de saúde. Antes de tudo, invoca-se o santo da pessoa para designar quem deva encarregar-se dessa função; pois nem todos têm permissão de deitar à mão na cabeça de outrem. Há pessoas privilegiadas para esse exercício, contanto que se mostrem *entendidas*, estejam de *espírito limpo* e previamente tenham sido indicadas pelo adivinhador.

Por processos diversos pode-se levar a efeito esta cerimônia com o emprego do *obi* e água fria

²⁸ Gonçalves Dias - Op. Cit. - Vol. VI - pág. 130.

²⁹ Barbosa Rodrigues - *O Muryrakitã* - 1889 - pág. 130.